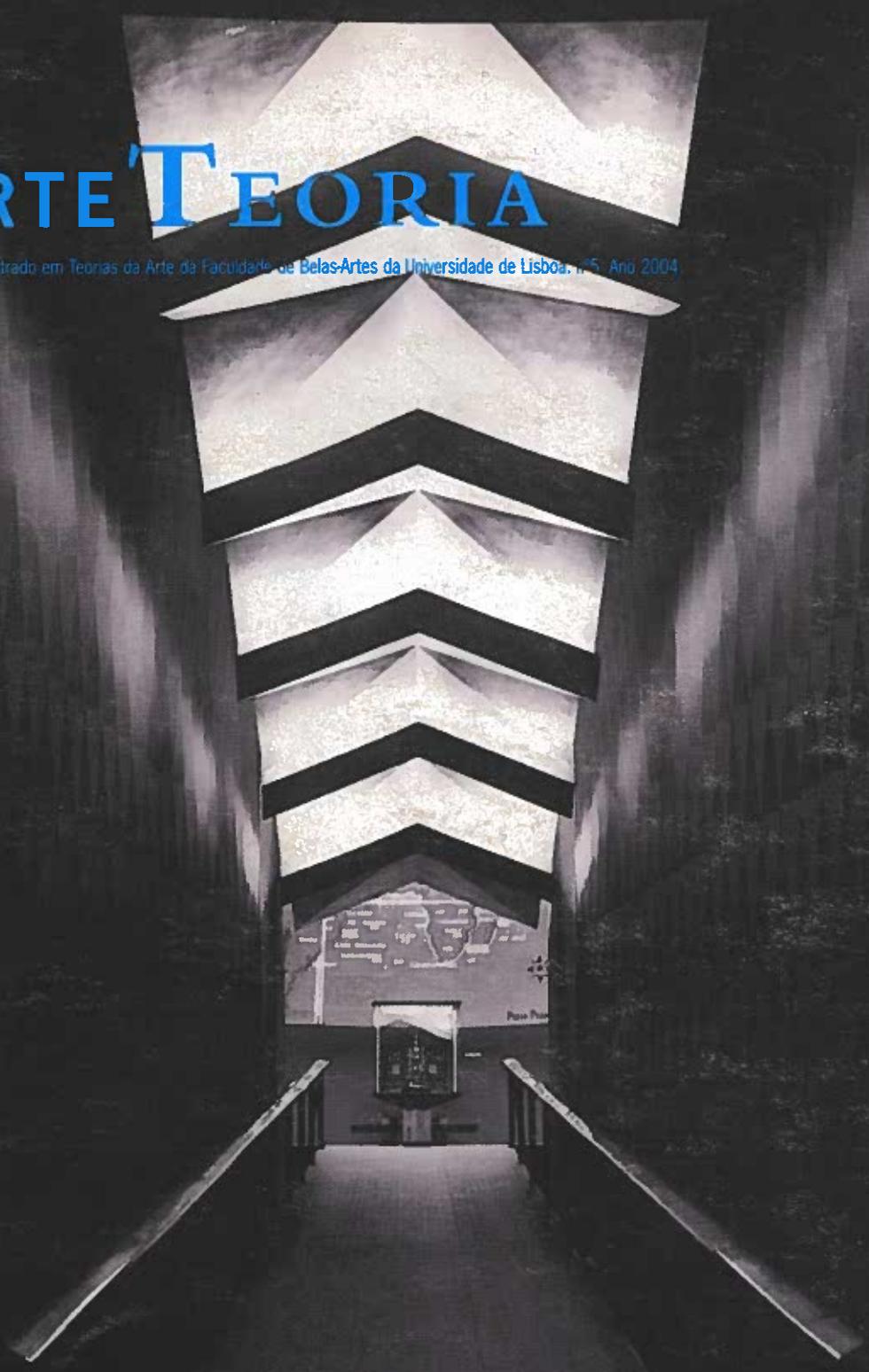


ARTE TEORIA

Revista do Mestrado em Teorias da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, n.º 5, Ano 2004



ARTE TEORIA

Revista do Mestrado em Teorias da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. nº5. Ano 2004



ArteTeoria I nº5

Revista do Mestrado em Teorias da Arte
Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

Director

José Fernandes Pereira

Coordenação

Maria Helena Souto

Colaboradores

Alexandre Nobre Pais, Mestre em Hist. da Arte, Museu Nacional do Azulejo

Ana Almeida, Lic. Em Hist. da Arte, Museu Nacional do Azulejo

Ana Luisa Marques, Lic. em Design de Comunicação

Eduardo Côte-Real, Doutorado em Arquitectura, Presidente do C.D. da ESD/IADE

João Paulo Martins, Mestre em Hist. da Arte, Assistente na Fac. de Arq. de Lisboa

Joana Moraes, Lic. em Arquitectura

João Pedro Monteiro, Lic. em História, Museu Nacional do Azulejo

José Fernandes Pereira, Prof. Catedrático da FBAUL

Maria Helena Souto, Mestre em Hist. da Arte, ESD/IADE

Paula André, Mestre em Hist. Arte, Assistente no ISCTE

Pedro Bebiano Braga, Mestre em Hist. da Arte, G.E. Olissiponenses

Rui Afonso Santos, Mestre em Hist. da Arte, Museu do Chiado

Capa

Exposição Comemorativa do V Centenário do Infante D. Henrique.
Arquitecto Frederico George com a colaboração de Daciano da Costa, 1960.
Fotografia de Mário Novais. Biblioteca de Arte da F.C.G.

Propriedade do Título

Mestrado em Teorias da Arte
Faculdade de Belas Artes
Largo da Academia Nacional de Belas Artes
1247-058 Lisboa
tel: 213252100 - fax: 213470689

Produção Gráfica

Facsimile, Lda

Tiragem

500 exemplares

ISBN

972-98505-8-5

Depósito Legal

196292/03

- 6** **FRAGMENTOS PARA UMA PRÉ-HISTÓRIA DO DESIGN PORTUGUÊS**
José Fernandes Pereira
- 13** **DESIGN DE EQUIPAMENTO SANITÁRIO.**
DO OBJECTO SANITÁRIO AO ESPAÇO SANITÁRIO
*Alexandre Nobre Pais, Ana Almeida, João Pedro Monteiro
e Maria Helena Souto*
- 30** **VIDRO E CRISTAL PORTUGUESES CONTEMPORÂNEOS**
Rui Afonso Santos
- 41** **PRODUÇÃO INDUSTRIAL**
João Paulo Martins
- 64** **O DESENHO DE MÓVEIS PARA LISBOA**
Pedro Bebiano Braga
- 83** **MOBILIÁRIO URBANO EM OLIVAIS SUL: DO DESENHO ÀS REALIZAÇÕES**
Paula André
- 111** **TRAJECTOS DO LIVRO. O SEU RENASCIMENTO NO SÉCULO XVIII**
Ana Luísa Marques
- 126** **O MERCADO DA SAUDADE**
Joana Morais
- 136** **DO TIRAR POLO NATURAL. ANTECEDENTES CIENTÍFICOS
DA AUTONOMIA DO DESIGN.**
Eduardo Côrte-Real
- 147** **DO ENSINO DAS ARTES APLICADAS À INDÚSTRIA ÀS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS
DO ENSINO DO DESIGN EM PORTUGAL**
Maria Helena Souto

MOBILIÁRIO URBANO EM OLIVAIS-SUL: DO DESENHO ÀS REALIZAÇÕES

Paula André

¹ Guimarães, Helder Tércio; Rodrigues, Elias Cachado – Olivais e Chelas, um percurso. **Boletim GTH**. Vol. VII, nº50/51 (1986), p.209.

² Diário de Governo, I Série, nº 188, 18 de Agosto de 1959.

³ “Na era do engrandecimento o duplo centenário da Fundação e Restauração de Portugal vai ser comemorado com festas nacionais grandiosas e de repercussão internacional”, era o título de primeira página do *Diário de Notícias*, de 27 de Março de 1938, e onde em nota oficiosa da Presidência do Conselho se divulgava o programa das Comemorações.

⁴ “Os terrenos eram todos municipais à excepção de uma quinta; os arruamentos principais estavam construídos; os estudos de urbanização praticamente concluídos, bem como os projectos das habitações, muito embora uns e outros não se ajustassem exactamente ao condicionalismo do Decreto-lei nº 42 454, por a sua realização se ter desenvolvido antes da promulgação daquele diploma”, in, Rodrigues, Fernando – Habitação Social, um percurso. **Boletim GTH**. Vol. VI, nº 50/51 (1986), p. 224.

⁵ Guimarães, Helder Tércio; Rodrigues, Elias Cachado – Olivais e Chelas, um percurso. **Boletim GTH**. Vol. VII, nº50 /51 (1986), p.210. Dias, Francisco da Silva; Dias, Tiago da Silva – **Lisboa: freguesia de Santa Maria dos Olivais**.

Na sequência do *Plano Director de Urbanização de Lisboa* (1938-1948), realizado sob a orientação do urbanista Étienne de Gröer e da determinação de uma “esclarecida política de municipalização de solos” de Duarte Pacheco (1899-1943) na figura do Decreto-lei de 1 de Julho de 1938, o qual regulamentava o regime geral de expropriação por utilidade pública, vindo a ser expropriada cerca de um terço da área do Concelho, o Decreto-lei nº 42 454, de 18 de Agosto de 1959 determinaria a “execução do plano de construção de novas habitações na cidade de Lisboa”.

Dando início à expansão da nova zona oriental da cidade–Olivais e Chelas–, a unidade habitacional de Olivais-Norte foi a primeira a ser construída, sob alçada do Decreto-lei nº 42 454 e em terrenos expropriados ao abrigo do duplo centenário da Fundação e da Restauração da Nacionalidade Portuguesa¹, afirmando-se que “o poder realizador vai afirmar-se numa notável série de melhoramentos que elevarão Lisboa ao nível do impulso progressivo que o Estado Novo imprimiu a todo o Império”.

O estudo de urbanização dos Olivais foi concebido pelo Gabinete de Estudos de Urbanização da Câmara Municipal de Lisboa (GEU), que elaboraria o Estudo-Base de Urbanização dos Olivais (1955-1958), realizando o correspondente à Célula A⁴ – Olivais-Norte–, aprovado a 18 de Março de 1960, data do início da construção dos primeiros fogos.

Considerado “expressão da Carta de Atenas”⁵ ao nível dos seus princípios urbanísticos, o plano foi elaborado por uma equipa de arquitectos da qual faziam parte, Pedro Falcão e Cunha (1922-), Sommer Ribeiro e o engenheiro Hipólito Raposo sob a coordenação do engenheiro Guimarães Lobato, e que segundo Leopoldo de Almeida constituiu “a primeira realização em Lisboa de um plano habitacional de envergadura concebido em moldes verdadeiramente modernos” segundo princípios urbanísticos “claramente derivados da Carta de Atenas que constituem, indiscutivelmente, o ponto de partida de qualquer realização urbanística contemporânea”⁶.

Numa área de 40ha, para cerca de 8500 habitantes previa-se a construção de 1889 fogos⁷ nos quais trabalharam entre outros os arquitectos⁸: Pedro Anselmo Braam-

Lisboa: Contexto, editora, 1993, p.44.

⁶ Almeida, Leopoldo – Olivais Norte, nota crítica. **Arquitectura**. Março 1964.

⁷ Repartidos por 4 categorias e respectivas rendas de aluguer, distribuídos do seguinte modo:
- Caixa Geral de Depósitos (categorias I, II, IV)
- Federação Caixa de Previdência (categorias I, II, III)

- Ministério das Finanças (categorias I, II, III)
- Sociedade Forças Armadas (categorias I, II, III, IV)
- Fundação Cardeal Cerejeira (categoria I)
- Câmara Municipal de Lisboa – realojamento (categorias I, II)
- Câmara Municipal de Lisboa – hasta pública (categorias II, IV)
- Ministério das Obras Públicas
- «casas económicas».

⁸ “Procedeu-se à encomenda dos projectos dos edifícios, que de uma maneira geral foram encomendados a equipas de técnicos exteriores ao Gabinete, funcionando em regime de profissão liberal, in, Rodrigues, Fernando – Habitação Social, um percurso. **Boletim GTH**. Vol. VI, nº 50/51 (1986), p. 224.

camp Freire Cid (1925-1983), Fernando Ferreira Torres (1922-), João Maria Braula Reis (1927-1989), João Maria da Conceição Gonçalves Matoso (1929-), Nuno Teotónio Pereira (1922-), António Freitas, Artur Pires Martins (1914-2000), Cândido Palma Teixeira de Melo (1922-), João Abel Carneiro de Moura Manta (1928-), João de Barros Vasconcelos Esteves (1921-).

Planeada simultaneamente com a execução da célula A (Olivais Norte), a unidade habitacional de Olivais Sul foi a segunda a ser construída ao abrigo do Decreto-lei nº 42 454, de acordo com o Plano de Urbanização elaborado pelo GEU⁹ e posteriormente revisto pelo recém criado Gabinete Técnico de Habitação (GTH)¹⁰, sobre o qual segundo palavras do seu director Jorge Carvalho Mesquita recai uma responsabilidade pesada “a responsabilidade de fazer doutrina em muitos aspectos e de assegurar simultaneamente a sua realização”¹¹.

Na verdade, cabia ao GTH: a preparação de programas de trabalho, a elaboração de planos de urbanização, de projectos de infraestruturas e de edifícios e a direcção e fiscalização de obras, e ainda as expropriações necessárias aos planos de urbanização, condições necessárias à construção de habitações com rendas acessíveis aos agregados familiares de mais fracos recursos, sendo “criado um serviço de planeamento que viria a ser dirigido inicialmente” pelo arquitecto José Rafael Santos Nunes Botelho (1923-), “que cedo abandonaria essas funções, vindo a equipa de Olivais-Sul a ser dirigida pelo arquitecto” Carlos dos Santos Duarte (1926-) “até 1969”¹², e na qual trabalharam entre outros, os arquitectos, Mário Jorge Bruxelas, Celestino Joaquim de Abreu Castro (1920-), António Pinto Freitas (1925-).

Com uma área de 186ha¹³, estruturada em função de 6 células, previstas inicialmente para as 4 categorias de renda, para cerca de 38250 habitantes estavam previstos 7996 fogos, sendo as primeiras construções de 1963.

Trata-se de uma estrutura celular que faz depender as suas funções de uma hierarquia e de um zonamento, uma vez que os núcleos de habitações estruturam-se em unidades de vizinhança - de acordo com a definição de Clarence Perry-, em redor de um centro local, os quais se organizam em redor de um centro-cívico comercial principal. Pretendia-se que as células fossem autónomas e para tal estabeleceu-se um comércio local, com cerca de 12 lojas, que não deveriam distar mais do que 200m, estando também previsto que as escolas infantis e primárias tivessem uma distância máxima de 400m, contudo, por vezes a estrutura celular apenas corresponde a uma divisão física.

As Células B, C, D e E destinavam-se à habitação, a Célula F previa a existência de um núcleo habitacional destinado a realojamento e cemitério e finalmente para a Célula G, (5,6ha) estava previsto um centro-cívico comercial principal¹⁴: mercado,

e normalização. Foi uma actividade pioneira, em simultâneo com a que se encontrava em curso nas Habitações Económicas – Federação de Caixas de Previdência sob orientação do arquitecto Braula Reis, que fazia editar um boletim informativo de inestimável utilidade. O mesmo viria a acontecer no GTH a partir de 1964.”, in, Duarte, Carlos S. – Memória de Olivais-Sul. **J-A. Jornal de Arquitectos**. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, nº 204 (Janeiro / Fevereiro 2002), p. 55.

¹¹ Mesquita, Jorge Carvalho – Introdução. **GTH Separata Olivais Sul**. p.3.

¹² Duarte, Carlos S. – Memória de Olivais-Sul. **J-A. Jornal de Arquitectos**. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, nº 204 (Janeiro / Fevereiro 2002), p. 54.

¹³ «Delimitada por quatro artérias principais: a norte, a Av. Entre Aeroportos, a sul, a 2ª Circular, a ponte, a Estrada de Sacavém (hoje, respectivamente, Avenidas de Berlim, Marechal Gomes da Costa e Cidade do Porto) e a nascente, a Av. Infante D. Henrique»

¹⁴ Centro-cívico que não chegou a ser realizado, mas, na mesma célula G, viria a ser construído em 1995 o Shopping Center dos Olivais.

⁹ De acordo com esse plano já estava construída parte da estrutura viária, assim como um conjunto de casas económicas, ao longo da Av. Marechal Gomes da Costa, da responsabilidade do Ministério das Obras Públicas e que como refere o arquitecto Carlos Duarte iria constituir no mau

sentido a imagem de aproximação a Olivais-Sul, in, Memória de Olivais-Sul. **J-A. Jornal de Arquitectos**. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, nº 204 (Janeiro / Fevereiro 2002), p. 54.

¹⁰ Criado em 1959 em consequência de Decreto-lei nº 42 454 de 18 de

Agosto de 1959. O serviço de investigação do GTH era uma fonte de informação preciosa, uma vez que tinha a seu cargo como revela o arquitecto Carlos Duarte “a elaboração de estudos de apoio aos projectos em curso, nomeadamente nas áreas de economia da construção, sociologia

¹⁵ Duarte, Carlos S. – Memória de Olivais-Sul.

J.A. Jornal de Arquitectos. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, nº 204 (Janeiro / Fevereiro 2002), p. 54.

¹⁶ Harlow (1947-48), de Frederick Gibberd (1908-1984); cada bairro de 10000 habitantes é formado por 3 ou 4 unidades mais pequenas, comportando cada uma, uma escola primária e um pequeno centro; "Gibberd aplica as suas investigações compositivas sobre as praças do renascimento italiano, onde introduz na definição de centro urbano, algumas casas altas inspiradas na tipologia de torre", in, Gravagnuolo, Benedetto – **Historia del Urbanismo en europa 1750-1960.** Madrid: Akal, 1998, p. 164.

¹⁷ Com uma superfície de 2880ha, desenhada para 62000 habitantes chegou a alcançar 100000 habitantes, "onde no interior dos bairros as crianças, seguindo as linhas pintadas a cores nos pavimentos, podem dirigir-se para a escola sem riscos. O centro desenvolve-se rapidamente, devido à quantidade e qualidade das estruturas instaladas (piscina, centro de saúde, bibliotecas, centros de juventude, salões de dança e clubes), devido ao parque que o apoia e ao relativo convívio que proporciona", in, Delfante, Charles – **A grande história da cidade.** Lisboa: Instituto Piaget, 2000, pp. 342, 343.

¹⁸ Projectada entre 1946-50 por Thomas Sharp para 62000 habitantes, cada bairro tem cerca de 5000 habitantes, estando

cine-teatro, igreja e dependências, correios, polícia, bancos, serviços públicos de assistência e administração e blocos de escritórios.

Havendo "um problema de urgência, resultante da necessidade de apresentar para aprovação superior planos de construção de fogos em tempo útil, conforme as especificações do decreto-lei"¹⁵, foram convidados "arquitectos na actividade liberal para executarem projectos nos seus *ateliers*", dos quais: Bartolomeu de Albuquerque Costa Cabral (1929-), Nuno Rodrigo Martins Portas (1934-), Frederico Henrique George (1915-1944), Duarte de Castro Ataíde Castel-Branco (1928-), José Daniel Santa-Rita Fernandes (1929-2000), Vitor Manuel de Almeida Figueiredo (1929-), Manuel Mendes Taíña (1922-), Joaquim Filipe Cadima (1925-1998), Francisco David Carvalho Silva Dias (1930-), Justino Moraes, Raul Chorão Ramalho (1914-), Vasco Lobo, Raul Domingos da Silva Santiago Pinto (1932-), José Leopoldo Ramalho Mateus Leal (1929-), Raul Hestnes Ferreira (1931-), Manuel Alzina de Menezes Correia de Sá (1920-2002), Costa Martins, Hernâni Guimarães Gandra (1914-1988), Manuel Coutinho Raposo (1916-), Neves Galhóz, Fernando Ricardo Santos Gomes da Silva (1932-), J. Ferreira Chaves, Eduardo Augusto Alves Goulart de Medeiros (1932-), Fernando Lopes Schiappa e Silva de Campos (1926-), António de Azevedo Gomes (1929-).

Tal como salienta o arquitecto Carlos Duarte "na altura vivia-se o entusiasmo das realizações inglesas do pós-guerra" e por isso muitos arquitectos visitaram algumas das "cidades novas à volta de Londres previstas no Plano Abercrombie", referindo que "a estrutura geral de Olivais-Sul se inspira nos princípios gerais" de Harlow¹⁶, Stevenage¹⁷ ou Crowley¹⁸, sendo por isso Olivais-Sul simultaneamente um palco de experiências no desenho e na composição do edificado.

Como lembra o arquitecto Silva Dias "no término da década de cinquenta assim como nos primeiros anos da década de sessenta, a imagem da cidade transmitida pela Carta de Atenas permaneceria presente na mente e nas pranchetas dos urbanistas portugueses"¹⁹, denotando-se a influência de alguns planos estrangeiros, como o Plano Regulador de Londres (1944) de Patrick Abercrombie (1879-1957), ou do bairro de Roehampton (1952-55), de Hubert Bennet e realizado pela London City Council.

Foi um tempo, um espaço e um modo privilegiados não só para a reclamação de uma nova política de habitação social- reclamada aliás no Primeiro Congresso

a escola usualmente situada no meio, funcionando também como centro cívico. Acrescentariam também o Plano de Cumbernauld (1956), pensado para receber uma população de 70000 habitantes numa superfície de 1900ha, projecto de Hugh Wilson que entendia que as novas cidades deviam "ser consideradas laboratórios de urbanística, nas quais as ideias para a reestruturação das cidades existentes" poderiam ser elaboradas; neste caso as distâncias

entre os vários bairros – dotados das suas próprias estruturas escolares, comerciais, desportivas, religiosas -, e o centro são pequenas o que torna possível o acesso da população ao centro principal, de acordo com o princípio estabelecido por Hugh Wilson que "o sucesso de uma cidade nova só pode ser conseguido através de um plano compacto, que proporcione as melhores vantagens à vida urbana e um máximo de contrastes entre a cidade e o campo", citado por

Delfante, Charles – **A grande história da cidade.** Lisboa: Instituto Piaget, 2000, p.344.

¹⁹ Dias, Francisco da Silva; Dias, Tiago da Silva – **Lisboa: freguesia de Santa Maria dos Olivais.** Lisboa: Contexto, editora, 1993, p.53; acrescentando ainda que "a estrutura das novas cidades inglesas do pós-guerra (...) poderão ser encaradas como tendo servido de paradigma para o Plano dos Olivais", p.55.

Nacional de Arquitectura de 1948 -, como também para um repensar a cidade tradicional, traduzida na “constante presença dos verdes junto à habitação, do estacionamento próximo, dos espaços de recreio infantil e de convívio”, assim como também visível na “preocupação da variedade das arquitecturas, dos conjuntos dispostos organicamente, em bandas, definindo espaços diversificados, practas intimistas, propiciadoras de relações de vizinhança”²⁰.

Dentro deste espírito e revelando também uma nova forma de trabalhar o arquitecto Carlos Duarte convidou para a equipa, o escultor Jorge Ricardo da Conceição Vieira (1922-1998), o engenheiro e pintor Joaquim José Rodrigo (1912-1997) e o pintor António Alfredo, que desenvolveram projectos para os espaços livres, e por isso pensaram e projectaram mobiliário urbano, para esses novos espaços, embora nem sempre traduzido na integra nas realizações e posteriormente chegando mesmo a ser totalmente alterado.

Um desses exemplos é o projecto de espaço aberto urbano do pintor António Alfredo para a Praça Cidade do Luso²¹ (Célula C), núcleo de comércio diário e local de encontro e convívio da população.

Trata-se de uma composição para uma praça definida por duas bandas de edifícios, uma nos lados este/norte, fazendo um ângulo de 120 graus e outra que definia a face oeste da praça. Do lado sul a praça era completamente aberta onde passa tangente a Rua Cidade Nova de Lisboa e com uma abertura entre as duas bandas de edifícios na face norte. Daí resulta um espaço de forma trapezoidal com um pequeno prolongamento do lado norte entre as bandas dos edifícios.

Nesta composição aparece representada uma fonte de forma circular, pontuada por oito pequenos cubos na sua periferia, localizada numa zona ligeiramente rebaixada também de forma circular. A diferença de nível era aproveitada como banco, informal. Aparecem também representadas três árvores, nas suas caldeiras circulares, e uma cobertura de madeira com uma forma empenada, para criar uma zona de sombra.

O tratamento formal do pavimento da praça apresenta uma composição de formas circulares e espiraladas delineadas através da combinação de vidro branco, de vidro preto e de tijolo ao cutelo.

A referida fonte e respectiva zona de estar, foi retirada – talvez por falta de manutenção e de alguns maus usos por parte dos habitantes – nada sendo colocado em seu lugar.

Em 1988 viria a ser colocada no centro da praça uma estátua dedicada a Fernando Pessoa, da autoria do escultor e pintor José João Brito (1941-)²².

Embora no projecto António Alfredo não tenha representado bancos, a Câmara Municipal de Lisboa colocaria na Praça Cidade do Luso bancos modelo 7.

Em complemento, no espaço compreendido entre a banda oeste de edifícios e a Rua Cidade de Carmona, António Alfredo projectou também um espaço de lazer, para todos os grupos etários que aparece bem patente pelo convívio que aí se desenha, organizando um espaço de esplanada com mesas e cadeiras, sob a protecção de pérgolas de forma semi-circular, e um outro espaço composto por um conjunto de muretes em arco de círculo, de tijolo burro, tudo sobre um pavimento que combina tijolo ao cutelo e de mármore artificial tipo italiano «terrazzo», explorando uma vez mais as formas circulares.

Recentemente a Junta de Freguesia dos Olivais colocou aí uns conjuntos de mesas e cadeiras de jogo.

Ao nível da iluminação embora António Alfredo tenha desenhado também candeeiros não foram esses os candeeiros colocados, uma vez que esse sector era da

²⁰ Guimarães, Helder Tércio; Rodrigues, Elias Cachado – Olivais e Chelas, um percurso. **Boletim GTH**. Vol.VII, nº50/51 (1986), p.210.

²¹ Numa lápide colocada nesta praça pode ler-se: “A Câmara Municipal de Lisboa visando o bem estar da população da cidade empreendeu, à sua custa, esta grandiosa obra de urbanização a partir do ano de 1960 nos terrenos de Olivais Norte e Sul, a que se seguirá a urbanização de Chelas. Assim se permitiu que as várias entidades oficiais e particularmente, com a cooperação do município e subordinadas ao seu planeamento, realizassem a vasta e bela obra presente aos olhos de todos. O município construiu neste bairro, até hoje para alojamento de famílias de fracos recursos 133? fogos, o que se regista com esta lápide no 40º aniversário da revolução nacional”. 18.12.1966.

²² Colocada a 4 de Junho de 1988; chapa de ferro zincada pintada de preto.

responsabilidade da Divisão de Iluminação da Câmara Municipal de Lisboa e a equipa de Olivais-Sul trabalharia com o engenheiro Tomé nessa área.

Numa fotografia dos inícios dos anos sessenta, é visível que tanto na Rua Cidade de Carmona como na Rua Cidade Nova de Lisboa tangente à Praça Cidade do Luso, foram colocados candeeiros de rua, poste de betão nº 40 – Olivais II, com luminária DM-2 (equipamento 61), como fonte de iluminação²³.

Actualmente existem nesta área dois tipos de candeeiros de rua: coluna de ferro 21 “Fontana”, e luminária 119 com difusor em vidro, na parte central da Praça Cidade do Luso, e poste de ferro 71G “Telheiras” com luminária 107-A (Z2N), nas ruas adjacentes à praça.

Embora na memória descritiva do Plano de Remodelação da Praça da Viscondessa dos Olivais, coordenado pelo arquitecto José de Santa-Rita Fernandes²⁴, seja mencionado terem sido escolhidos para a iluminação pública, “os candeeiros de coluna e as consolas antigamente usados na Estrada de Circunvalação muito semelhantes aos que ainda servem na povoação e cujo desenho, bastante feliz, se integra bem no ambiente local”²⁵ - tratando-se da coluna de ferro nº 5, mais luminária nº 4 e a consola nº 1-, a verdade é que não foram esses os candeeiros colocados, e os que ainda hoje lá se encontram, são os que já existiam, na altura do plano de remodelação da praça.

O pintor António Alfredo foi igualmente o autor do projecto de espaço livre para a Praça Cidade de São Salvador (Célula C). Trata-se de uma praça rectangular definida por bandas de edifícios nos seus quatro lados.

Aproveitando as diferenças de cotas entre os extremos da praça, inscreve diferentes espaços. O campo de jogos localizado numa zona rebaixada, permitindo comportar um número elevado de espectadores nas bancadas disponíveis nos taludes de protecção. O campo de patinagem, situado no outro extremo da praça. No respectivo centro alguns elementos escultóricos modelados no próprio terreno e revestidos a vidro, sendo o espaço recortado entre esses elementos usado como lago, e uma zona de esplanada com um quiosque de apoio para a qual são desenhados bancos e mesas, tudo integrado em zona verde.

O campo de jogos foi realizado e ainda hoje existe, com cestos para basquetebol, o campo de patinagem foi substituído em 2001/2002 por um parque infantil que cobre uma área maior.

O conjunto central de escultura e lago, embora realizado nunca viu materializar-se o volume e a expressão escultórica que se observa ao nível do desenho. Durante muito tempo foi espaço de recreio mas posteriormente, mais uma vez provavelmente pela dificuldade de manutenção, o lago foi totalmente atulhado até ao nível da praça, e igualmente calçetado, sendo aí colocadas algumas árvores.

No que se refere aos bancos desenhados, a Câmara Municipal de Lisboa colocou bancos modelo 17C. Também as mesas do projecto nunca chegaram a ser realizadas e recentemente a Junta de Freguesia dos Olivais colocou nesta Praça uns conjuntos de mesas e cadeiras de jogo. O quiosque julgamos nunca ter sido realizado.

Em relação aos candeeiros de rua, numa fotografia de 1967, veem-se candeeiros de poste de betão nº 41 – Olivais III-, e mais tarde, foram os seus globos substituídos por globos 9B.

O escultor Jorge Vieira projectaria em 1964, um espaço verde adjacente à Rua Cidade da Beira (Célula B), formado por uma sucessão de três lagos que receberiam água de uma grande escultura/fonte – que julgamos não ter sido realizada –, desenhando para esse espaço bancos que viriam a ser, mais uma vez, substituídos pelo banco modelo 17C²⁶.

²³ Também dos inícios dos anos sessenta foram colocados nas vias principais candeeiros poste de betão nº 32, com luminária HMFL (equipamento nº 49).

²⁴ Arquitectos: Duarte N. Simões e Salustiano dos Santos; e engenheiros: José M. Pereira Gomes e Tomé Fernandes.

²⁵ Plano de recuperação da Praça da Viscondessa dos Olivais. *Boletim GTH*. Vol. II, nº 14 (1968), p.239.

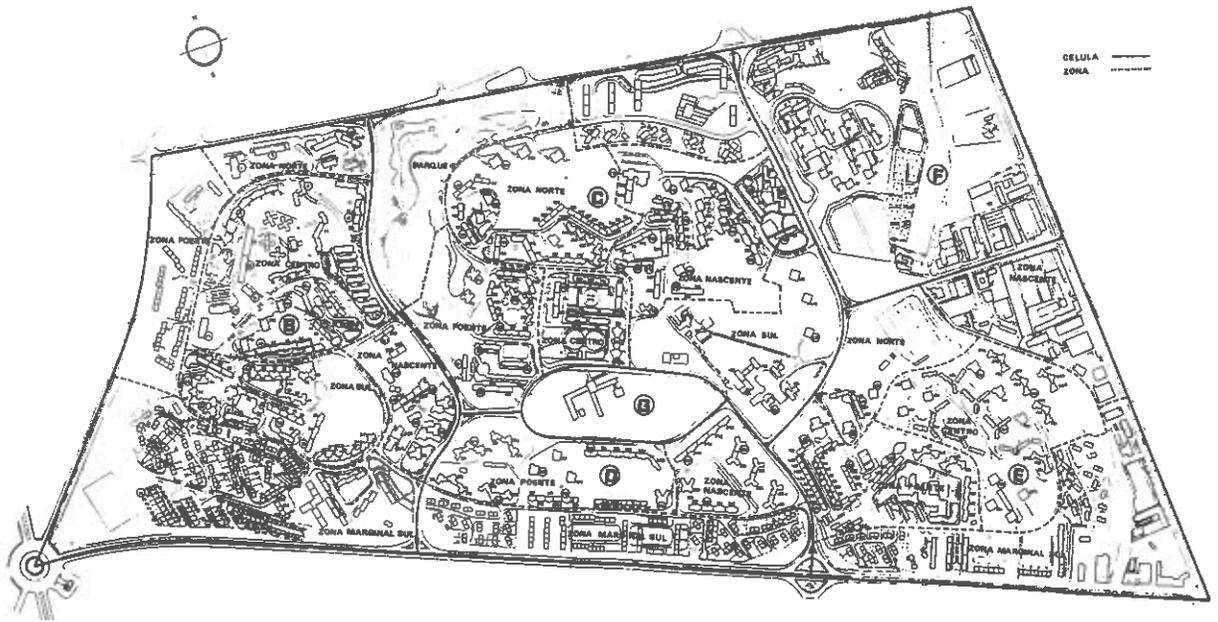
²⁶ Há cerca de um ano foram os próprios moradores que aí colocaram um “conjunto de bancos e mesas de merendas”.

O plano de Olivais-Sul foi um laboratório de experiências urbanísticas e foi simultaneamente um palco de experiências ao nível do desenho de mobiliário urbano, mesmo que pontualmente, elaborado pelo grupo de trabalho responsável pelos espaços livres, para o que muito contribuiu certamente o facto do arquitecto Carlos Duarte, criando um novo espírito e ensaiando um novo modo de trabalhar, ter convidado para essa equipa artistas plásticos como Joaquim Rodrigo, António Alfredo e Jorge Vieira.

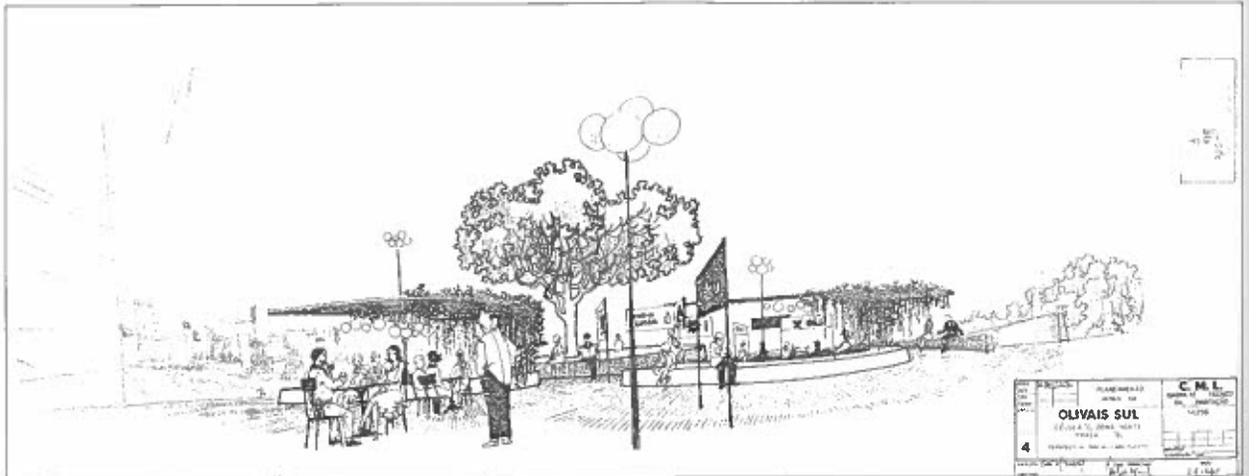
BIBLIOGRAFIA

- ALFREDO, António – Alguns arranjos de espaços livres em Olivais Sul. *Boletim GTH*. Vol. I, nº2 (1964), pp.76-79.
- ALMEIDA, Leopoldo – Olivais Norte, nota crítica. *Arquitectura*. Março 1964.
- AMARAL, Francisco Pires Keil; SANTA BARBARA, José de – Portugal Raices de un Townscape. Hogar y *Arquitectura*. Nº94 (Mayo-Junio 1971), pp. 17-116.
- Bairros construídos ao abrigo do Decreto-lei 42 454 no período de 1961 a 1969. *Boletim GTH*. Vol. III, nº20 (1971), pp. 197-240.
- BENEVOLO, Leonardo – *História de la Arquitectura Moderna*. Barcelona: Gustavo Gili, 1990.
- BENEVOLO, Leonardo – *História da Cidade*. São Paulo: edições Perspectiva, 2001.
- Boletim Gabinete Técnico da Habitação da Câmara Municipal de Lisboa*. Lisboa: CML. Vol. IVII, nº 1-50/51 (1964-1986).
- CARMONA, Michel – *Le Mobilier Urbain*. Paris: Presses Universitaires de France, 1985.
- DELFANTE, Charles – *A Grande História da Cidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- DELGADO, Ralph – *A antiga freguesia dos Olivais*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1969.
- Diário de Governo*. I Série, nº 188 (18 de Agosto de 1959).
- DIAS, Francisco da Silva; DIAS, Tiago da Silva – *Lisboa: freguesia de Santa Maria dos Olivais*. Lisboa: Contexto, editora, 1993.
- DUARTE, Carlos S. – Memória de Olivais-Sul. *JA. Jornal de Arquitectos*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, nº 204 (Janeiro / Fevereiro 2002), pp.53-58.
- FERNANDES, José Manuel – Lisboa no século XX: o tempo moderno. In, *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1994, pp.493-518.
- FERREIRA, Maria Júlia – Bairro Social dos Olivais Norte. In SANTANA, Francisco; SUCENA, Eduardo (ed. lit.) – *Dicionário da História de Lisboa*. Sacavém: Carlos Quintas & Associados, Lda, 1994, p.670.
- FERREIRA, Maria Júlia – Bairro Social dos Olivais Sul. In SANTANA, Francisco; SUCENA, Eduardo (ed. lit.) – *Dicionário da História de Lisboa*. Sacavém: Carlos Quintas & Associados, Lda, 1994, pp.670,671.
- FERREIRA, Vítor Matias – *A cidade de Lisboa: de capital do império a centro da metrópole*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1987.
- GUIMARÃES, Helder Tércio; RODRIGUES, Elias Cachado – Olivais e Chelas, um percurso. *GTH*. Vol.VII, nº50/51 (1986), pp. 209-220.
- GTH – Gabinete Técnico da Habitação da CML: realizações e planos*. Lisboa: CML, 1972.
- GRAVAGNUOLO, Benedetto – *Historia del Urbanismo en Europa 1750-1960*. Madrid: Akal, 1998.
- HEITOR, Teresa Valssassina – A expansão da cidade para oriente: os planos de urbanização de Olivais e Chelas. In – *Lisboa conhecer pensar fazer cidade*. Centro de informação urbana de Lisboa. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2001, pp. 72-85.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: FCG, 2000.
- LE CORBUSIER – *Principios de Urbanismo (La Carta de Atenas)*. Barcelona: Editorial Ariel, 1975.

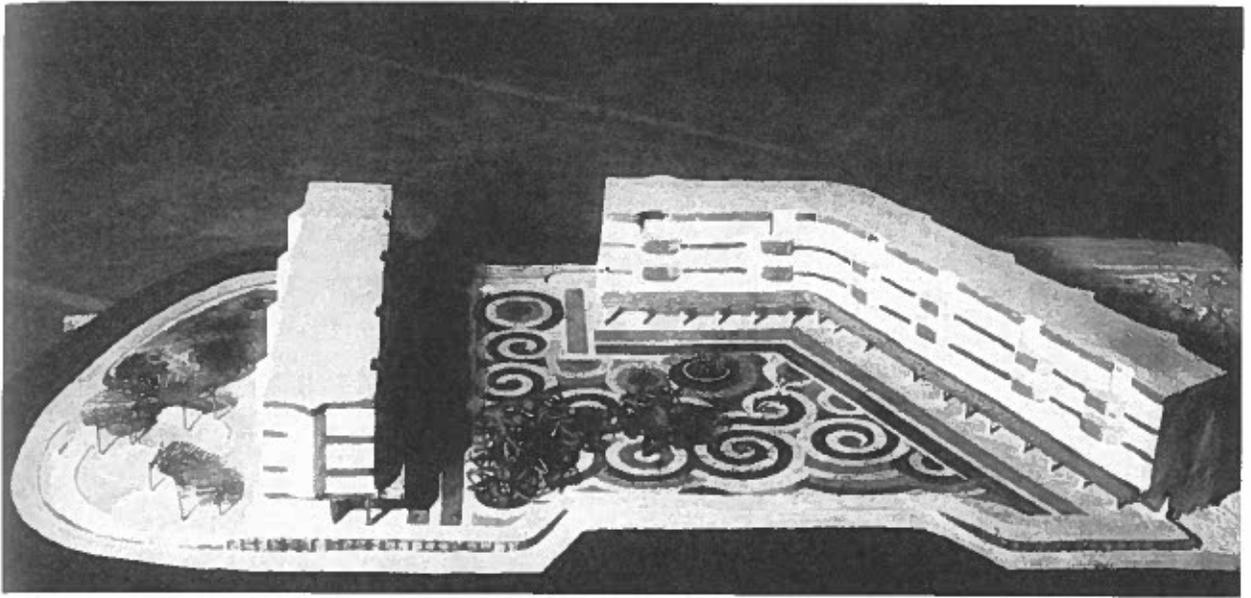
- MESQUITA, Jorge Carvalho de – Alguns aspectos do problema da habitação na cidade de Lisboa. *GTH*. Vol.II, nº13 (1967), pp.179-201.
- MUMFORD, Lewis – *A cidade na História: suas origens transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MURET, Jean-Pierre; ALLAIN, Yves-Marie; SABRIE, Marie-Lise – *Les Espaces Urbains: concevoir, realiser, gerer*. Paris: Le Moniteur des Travaux Publics et du Batiment, 1987.
- PEDREIRINHO, José Manuel – *Dicionário dos arquitectos activos em Portugal do Século I à actualidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1994.
- Plano de recuperação da Praça da Viscondessa dos Olivais. *Boletim GTH*. Lisboa: GTH, vol.2, nº 14 (1968), pp. 229-252.
- Primeiro Congresso Nacional de Arquitectura. Promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos com o patrocínio do governo. Relatório da comissão executiva. Teses, conclusões e votos do congresso*. Lisboa (Maio/Junho 1948).
- SERRA, Josep Ma. – *Elementos Urbanos: mobiliario y microarquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 1996.
- SILVA, Carlos Nunes – *Política Urbana em Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1994.
- TOSTÕES, Ana – *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1997.
- TOUSSAINT, Michel – Afirmação e crise da Cidade Moderna. In – *Guia de Arquitectura: Lisboa 94*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, Sociedade Lisboa 94, Faculdade de Arquitectura Universidade Técnica de Lisboa, 1994, pp.306-319.
- Urbanização de Olivais Sul. *Boletim GTH*. Vol.I, nº1 (1964), pp.11-27.
- Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.
- Divisão de Espaços Verdes da Câmara Municipal de Lisboa.
- Divisão de Iluminação Pública da Câmara Municipal de Lisboa.
- GTH – Gabinete Técnico da Habitação da Câmara Municipal de Lisboa.



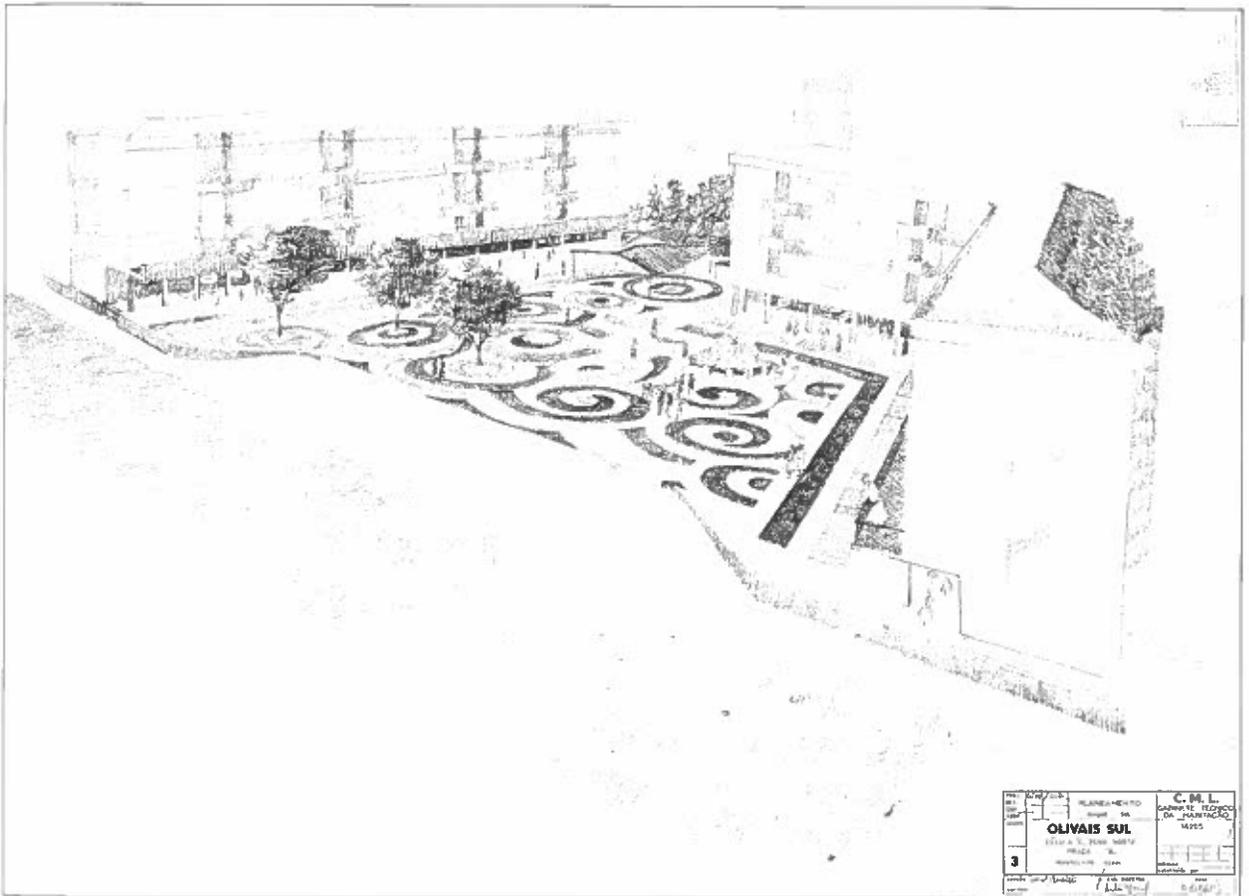
1 - Planta Olivais Sul com indicação das Células. Boletim GTH Gabinete Técnico da Habitação da Câmara Municipal de Lisboa. Vol.V, nºs 30-33 (1976/77).



2 - CML, GTH, Planeamento Olivais Sul, Célula C - Zona Norte- Praça B [hoje Praça Cidade do Luso]; Perspectiva geral; Projecto: António Alfredo; Secção: Carlos Duarte; 24/8/65.



3 – Maqueta da Praça B / Fotografia. Boletim GTH. Vol. I, nº 2 (1964), p. 78.



4 – CML, GTH, Planeamento Olvais Sul, Célula C – Zona Norte – Praça B; Planta; Projecto: António Alfredo.



5 – Slide; Planeamento Olivais Sul, Célula C – Zona Norte – Praça B; Planta; Projecto: António Alfredo.



6 – Fonte da Praça Cidade do Luso / Fotografia.
Boletim GTH. Vol. 2, nº13 (1967), p.196.



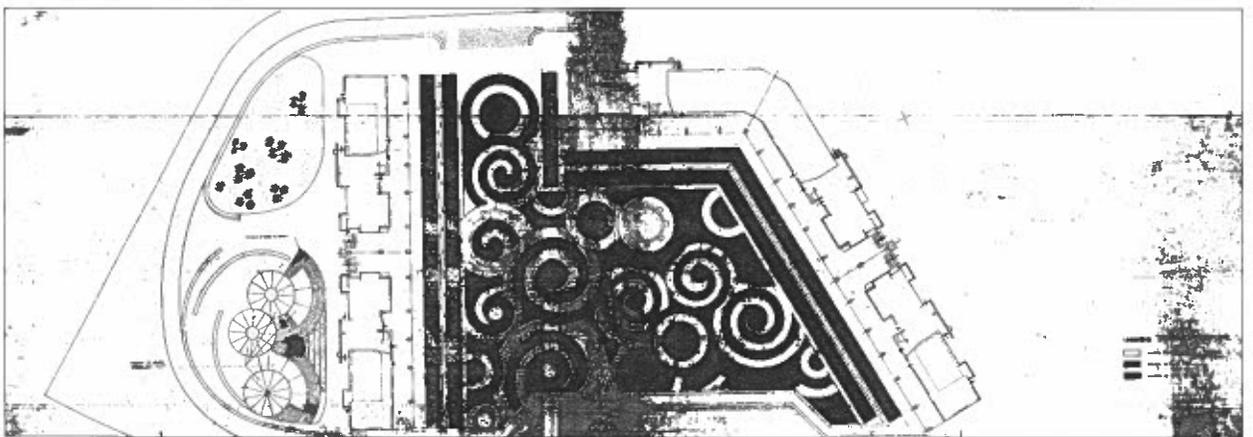
7 – Vista da Praça Cidade do Luso / Fotografia.
Boletim GTH. Vol. 2, nº13 (1967), p.196.



8 – Fotografia actual da Praça Cidade do Luso; Estátua Fernando Pessoa (1988), de José João Brito (1941-); chapa de ferro zincada pintada de preto.



9 – Fotografia actual da Praça Cidade do Luso; Bancos modelo 7.



10 – CML, GTH, Planeamento Olivais Sul, Célula C – Zona Norte- Praça B; Perspectiva parcial – lado poente; Projecto: António Alfredo; Secção: Carlos Duarte; 24/8/65.



11 – Fotografia actual da zona entre a banda oeste de edifícios da Praça Cidade do Luso e a Rua Cidade de Carmona; Muretes em arco de círculo.



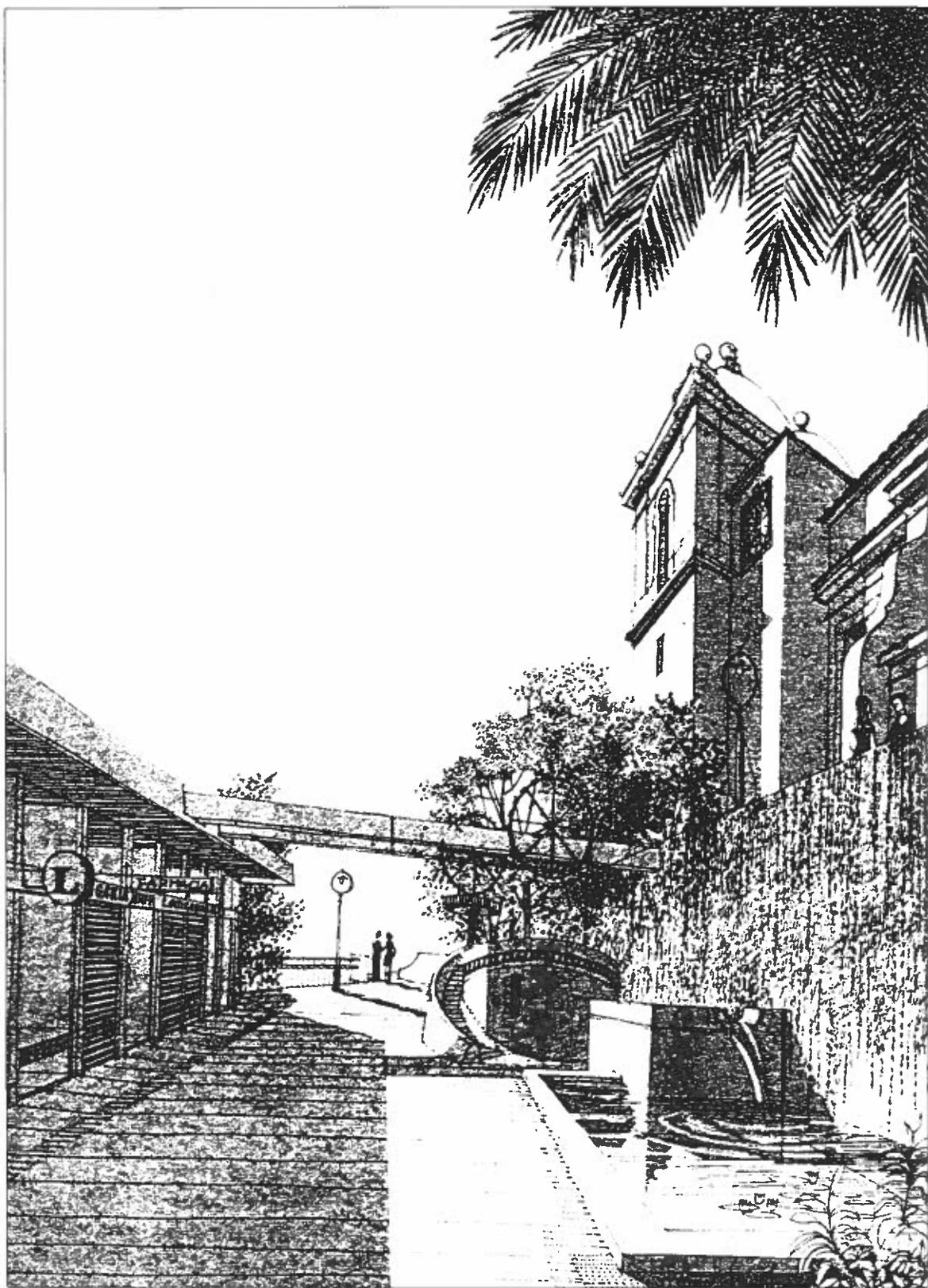
12 – Fotografia actual da zona entre a banda oeste de edifícios da Praça Cidade do Luso e a Rua Cidade de Carmona; Conjunto mesas e cadeiras de jogo.



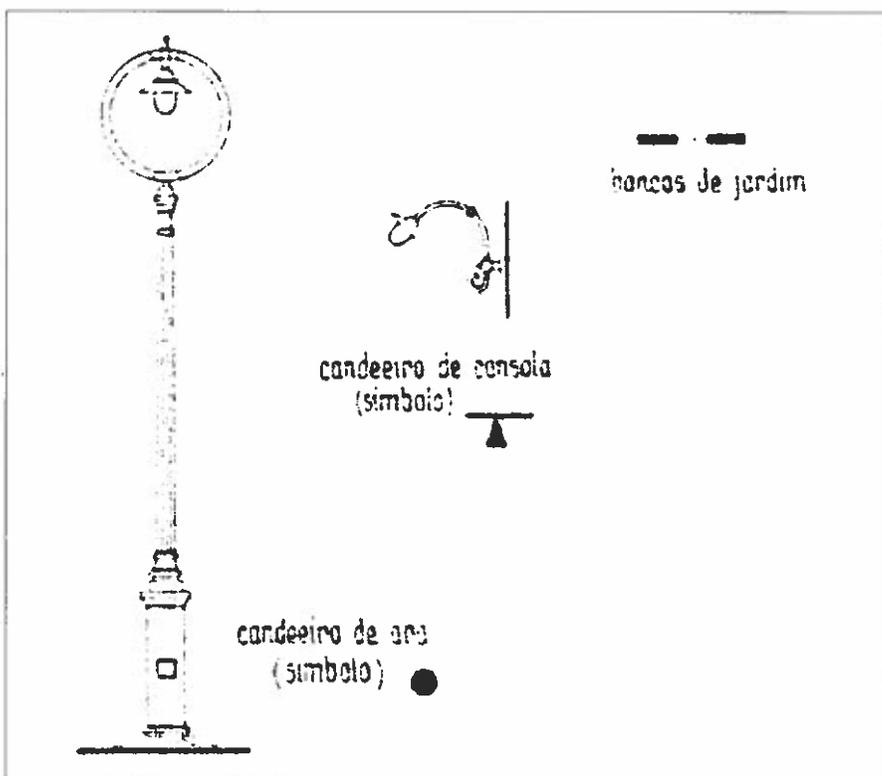
13 – Fotografia antiga da Rua Cidade Nova de Lisboa tangente à Praça Cidade do Luso. Candeeiro de rua, poste de betão nº 40 – Olivais II, com luminária DM-2. Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.



14 – Fotografia actual da Praça Cidade do Luso; Candeeiro de rua, coluna de ferro 21 "Fontana", e luminária 119 com difusor em vidro.



15 – Plano de remodelação da Praça da Viscondessa dos Olivais. Vista parcial; candeeiro de rua, coluna de ferro nº 5, com luminária nº 4. *Boletim GTH*, Vol.2, nº 14 (1968), p.240.



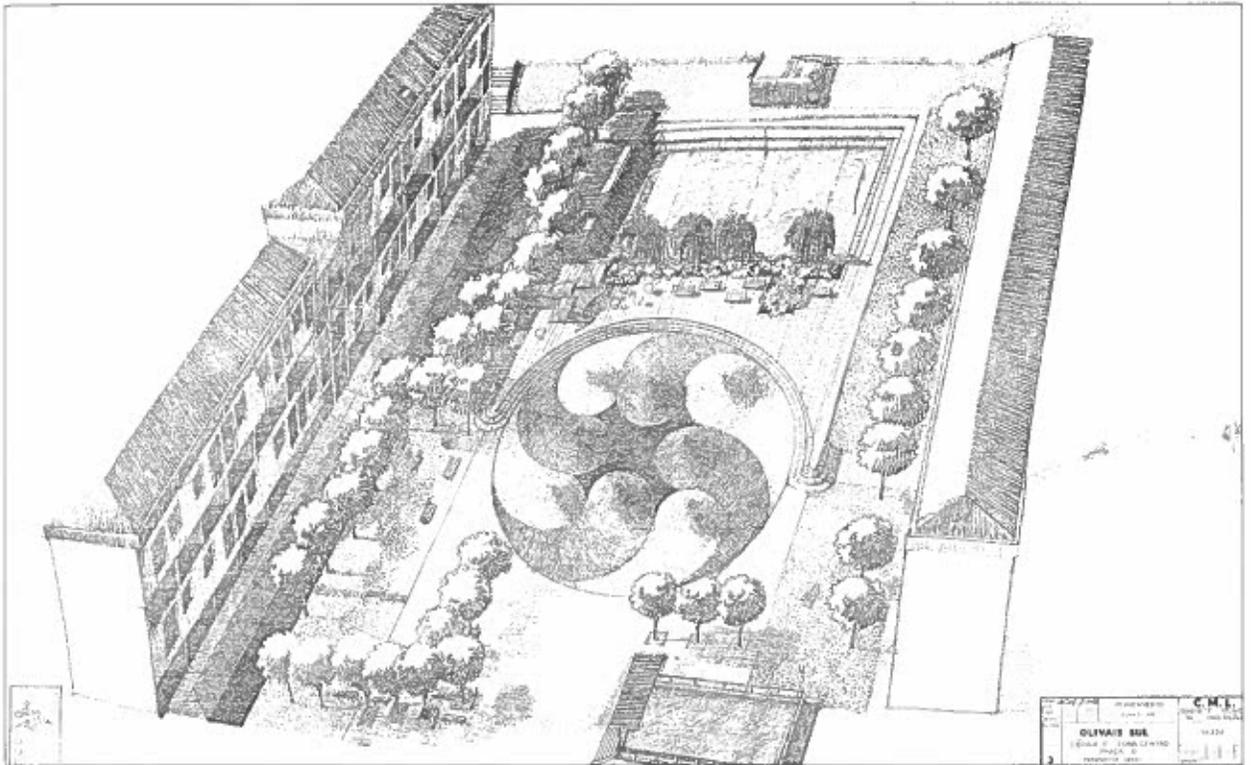
16 – Candeeiro de rua representado na legenda do Plano de remodelação da Praça da Viscondessa dos Olivais. *Boletim GTH*. Vol.2, nº 14 (1968), p.246.



17 – Fotografia actual da Praça Cidade do Luso; Candeeiro de rua, poste de ferro 71G “Telheiras” e luminária 107-A (Z2N).



18 – Fotografia actual da Praça da Viscondessa dos Olivais; Candeieiro de rua (consola).



19 - CML, GTH, Planeamento Olivais Sul, Célula C - Zona Centro- Praça D [hoje Praça Cidade de São Salvador]- Perspectiva Geral; Projecto: António Alfredo.





20 – Fotografia actual da Praça Cidade de São Salvador; Campo de Jogos.



21 – Fotografia actual da Praça Cidade de São Salvador; Parque Infantil.



22 – Vista da Praça Cidade de São Salvador Fotografia. *Boletim GTH*. Vol. 3, nº20 (1971), p.224.



23 – Fotografia actual da Praça Cidade de São Salvador; Lago coberto e árvores.



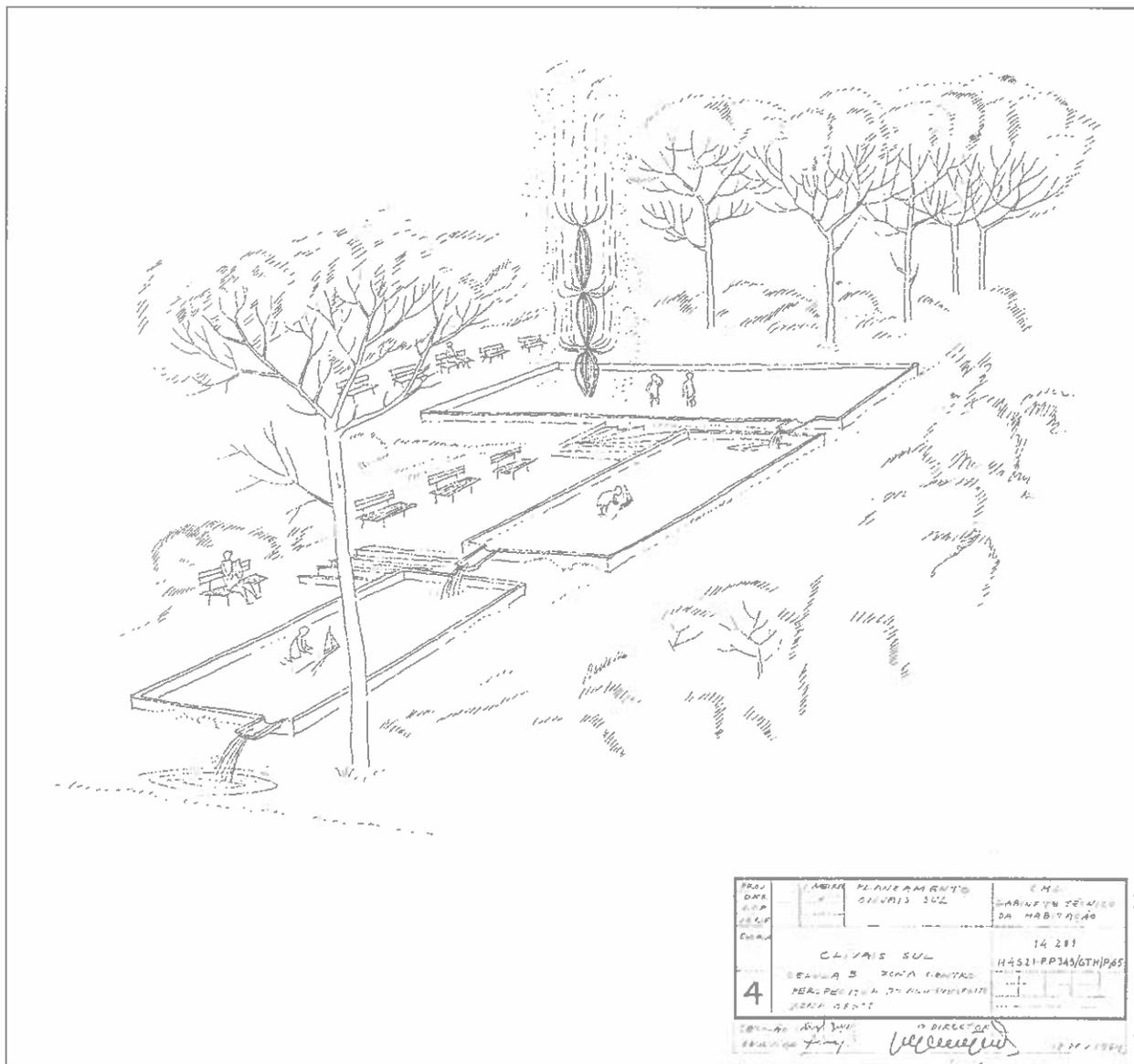
24 – Fotografia actual da Praça Cidade de São Salvador; Bancos modelo 17C e conjuntos de mesas e cadeiras de jogo.



25 – Fotografia de 1967 do Impasse à rua C1 [hoje Praça Cidade de São Salvador]. Candeeiro de rua, poste de betão nº 41 – Olivais III. Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.



26 – Fotografia actual da Praça Cidade de São Salvador; Candeeiros de rua, poste de betão nº 41 – Olivais III, com globo 9B.



PROJ. DATA DESP. CÓDIGO	ÁREA PLANEAMENTO OLIVAIS SUL	E.M. LABORATÓRIO DA HABITAÇÃO
4	OLIVAIS SUL ZONA B ZONA CENTRO PER. PERIF. DE ALTO DENSIDADE ZONA CENT.	14 281 H4321-PP3A/GTH/PA5
SERVIÇO DE PROJ. ESCALA 1/500 18/12/1964		O DIRECTOR [Signature] 18/12/1964

27 – CML, GTH, Planeamento Olivaissul, Célula B – Zona Centro - Perspectiva do equipamento – Zona Oeste; Projecto: Jorge Vieira; Secção: Carlos Duarte; 18/12/1964.



28 – Fotografia actual da Zona Verde tangente à Rua Cidade da Beira; Lagos.



29 – Fotografia actual da Zona Verde tangente à Rua Cidade da Beira; Bancos modelo 17C.



30 – Fotografia actual da Zona Verde tangente à Rua Cidade da Beira; Conjunto de “mesas e bancos de merenda”.